

Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972

Weaving relations between Paulo Freire's ideas and the round table conference in Santiago of Chile, 1972

Vânia Maria Siqueira Alves*
Maria Amélia Gomes de Souza Reis**

Resumo: A comemoração dos 40 anos da Mesa-Redonda de Santiago do Chile em 2012 nos remete ao contexto em que se definiu e organizou tal evento. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a imergir em algumas ideias inspiradoras de tal momento, retomando questões referentes ao idealismo que tomou conta da Mesa-Redonda de Santiago. Que circunstâncias originaram e favoreceram o alvorecer desse idealismo? Muito já se escreveu sobre o caráter revolucionário e contribuições da Declaração de Santiago para a Museologia, mas ainda carece de discussão o contexto de produção do documento. Este texto discutirá as relações entre as propostas de renovação que agitaram o universo dos museus no final dos anos 1960, o lugar que sediou o evento e a realização da Mesa de Santiago, assim como a presentificação das ideias do educador brasileiro Paulo Freire na elaboração da Declaração de Santiago em 1972. Exilado político no Chile, Paulo Freire participou do governo do presidente Frei, implantando seu método de alfabetização a partir de 1965. Conviveu e influenciou Hugues de Varine, presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM) à época da organização e realização do evento, sendo convidado por este a presidi-lo. Apesar de não ter tal intenção, o pensamento de Paulo Freire foi muito importante na Museologia a partir dos anos 1970, sobretudo no que se refere ao conceito “conscientização” da transformação do homem-objeto em homem-sujeito. Para a realização deste trabalho, buscou-se tecer relações entre o contexto em que se deu o encontro, alguns princípios propostos na declaração e aspectos do pensamento de Freire. Além de algumas obras de Paulo Freire e da declaração, fontes geradas em outros contextos, entre as quais depoimentos de Hugues de Varine e estudos realizados por outros estudiosos do tema subsidiaram este estudo.

Palavras-Chave: Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), Paulo Freire, Museus.

Abstract: The commemoration of the 40th anniversary of Santiago do Chile Roundtable Conference in 2012 drives us to the context that defined and organized that Summit Meeting. This way, the present outgoing proposes to dive into some inspiring ideas from that moment, retaking questions that regarded the idealism deeply present in Santiago do Chile Roundtable Conference. What circumstances originated and allowed the dawn of that idealism? Innumerable papers have been written about the revolutionary character and contributions derived from Santiago (1972) to museology, however it's necessary discussion about its context production. This article will discuss the relations among the proposes about renewal that agitated the Museum's universe in the end of 1960s, the place which was made the Summit Meeting and Santiago do Chile Roundtable Conference as well as presentation of

* Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins.

** Doutora em educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

educator Paulo Freire's ideas in the elaboration of Santiago Declaration in 1972. Exiled political in Chile, Paulo Freire participated in Frei's government, implanting his Literacy Method from 1965. He coexisted and influenced Hugues de Varine, ICOM President in that occasion. Paulo Freire was invited by him to preside it. Despite not having such an intention, Paulo Freire's thought was very important in museology since the 1970s, specially about the concept "awareness" of transformation from man-object to man-subject. In order to carry out this work, I looked for weaving relations among the context what happened the Summit Meeting, some principles proposed in Santiago Declaration and Paulo Freire's aspects thoughts. Beside some Paulo Freire's books, sources that were produced in other contexts, including Hugues de Varine's testimony as well as studies performed by other experts in the theme, gave support for this present work.

Key-words: Santiago do Chile round-table conference (1972), Paulo Freire, Museums.

1 Introdução

Entre as décadas de 1960 e 1980, o mundo vivenciou inúmeras lutas sociais como a do feminismo, a dos movimentos estudantis, o movimento pelos direitos dos negros nos EUA, a descolonização da África e Ásia, a implantação de ditaduras militares na América e a expansão do comunismo no mundo. De um lado, assistiu-se à violência e à repressão e de outro, à rebeldia e à contestação.

As práticas culturais e a educação não ficaram imunes a essas lutas, foram afetadas e passaram a ser pensadas como poderosas ferramentas de transformação social. Novas correntes pedagógicas surgiram, provocando transformações na educação. Os impactos dos acontecimentos de 1968 foram sentidos de diferentes formas pela Museologia "[...] um vento de renovação agitou o universo dos museus" (VARINE, 2012a, p. 180). A Museologia começou a trilhar novos caminhos, adaptados aos objetivos do desenvolvimento local.

Até então, toda a história dos museus e de todas as teorias museológicas ensinadas faziam do museu um instrumento de pesquisa, de conservação, de educação, de prazer estético ou intelectual (o "deleite", caro a Georges Henri Rivière), a serviço da ciência, da cultura e das artes. Uma evolução se esboçava também na maioria dos países, na direção de uma utilização mais especificamente turística do museu. Em outros lugares, o museu estava, por vezes, a serviço do nacionalismo ou da ideologia dominante (VARINE, 2012a, p. 171-172).

Nos países industrializados, jovens museólogos questionaram sobre sua profissão e papel dos museus paralelamente à expansão da demanda turística pelas classes médias. Na América Latina, afluía a tomada de consciência no que se refere à libertação econômica e cultural dos países industrializados, particularmente dos Estados Unidos. Em países recém-independentes na Ásia e África, jovens elites reivindicavam para seus patrimônios um papel maior na constituição das identidades

nacionais e regionais. Nos Estados Unidos, as lutas contra a discriminação racial provocaram a criação de estruturas culturais de afirmação étnica (os museus de vizinhança, os *neighbourhood museums*) (VARINE, 2012a).

Diante dessa agitação, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) empreendeu, entre 1969 e 1972, um trabalho de reflexão coletiva sobre vários temas complementares. Assembleias e conferências foram realizadas e discutiram-se temas, como: luta contra o tráfico de bens culturais (1969), a afirmação do papel “político” dos museus (1971), a definição do novo conceito de museu a exemplo de ecomuseu¹ e museu integral² (1972).

A oposição a essa modernização de ideias e conceitos resultantes da demanda turística e a tradição elitista da Museologia tradicional de um lado, a timidez do desenvolvimento das propostas no âmbito institucional dos museus e da profissão de outro, levaram museólogos de inúmeros países à elaboração de novas propostas para a Museologia, originando a chamada “Nova Museologia³” nos anos 1980 (VARINE, 2012a).

Nesse quadro, destaca-se a Mesa-Redonda de Santiago, no Chile, em 1972, evento organizado pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para discutir a situação dos museus na América Latina no qual se deu a “naturalização de conceitos como ‘integral’ e ‘ação comunitária’” (SCHEINER, 2012, p.19).

Muito já se escreveu sobre o caráter revolucionário e contribuições da Declaração de Santiago para a Museologia. A literatura nacional e internacional cita com frequência o convite ao educador brasileiro para a presidência do evento e conseqüente impedimento de participação, mas não aprofunda a discussão sobre as razões dessa escolha, bem como as relações entre o pensamento freiriano e o que propunha a Mesa-Redonda.

¹ Vários sentidos são dados à palavra ecomuseu. Varine (2012a), criador do termo, disse preferir conservar o termo museu e atribuir o qualificativo que define sua principal característica. Para esse autor, existe uma diferença entre o conceito original, o de 1971-1972, desenvolvido em seguida por G. H. Rivière, de um museu de parque, de vocação essencialmente natural e rural e o conceito derivado, aquele oriundo do Creusot nos anos 1973 – 1980, de um museu instrumento de desenvolvimento comunitário. Para Varine, ecomuseu é uma dessas “palavras-valises”, onde cada um coloca o que quiser. Aponta algumas características comuns ao que se denomina ecomuseologia: patrimônio global de uma comunidade ou território; quadro territorial, criação em forma de processo lento, longo, multiforme; participação permanente da comunidade; fonte de educação popular; pesquisa e conservação são meios de ação; não tem modelo ou regras.

² O museu integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase do trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja qualquer representação do fenômeno museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais (SCHEINER, 2012).

³ De acordo com Varine (2012a), a “Nova Museologia”, que toma formas diferentes de acordo com o país e com os contextos, é essencialmente um movimento de museólogos que procuraram adaptar o museu a seu tempo e às necessidades das populações. No entanto, esse não é um movimento apenas de museólogos, reúne profissionais de museus, professores, educadores, agentes de desenvolvimento e outros para os quais o patrimônio é um recurso essencial e que a cultura é uma dimensão primordial do desenvolvimento.

Para Santos (2008), compreender a Mesa-Redonda de Santiago é também olhar para os seus bastidores: a escolha dos expositores; a escolha dos temas, abordando questões chaves do desenvolvimento (educação, meio ambiente e urbanismo); o convite ao professor Paulo Freire. Para essa autora, os temas mais importantes da obra desse educador são o cerne das proposições de Santiago.

Entretanto, ressalto que, apesar da sua ausência, os temas mais marcantes da sua obra – a conscientização e a mudança, que levam o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente – estiveram e ainda estão presentes, ou melhor, são o cerne das proposições de Santiago (SANTOS, 2008, p. 83).

Em vários depoimentos, Hugues de Varine, museólogo e diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM) no período em que realizou a Mesa-Redonda de Santiago, 1972, fala do convite a Paulo Freire e da influência sobre sua formação.

E naturalmente, li suas obras em inglês ou francês quando estavam disponíveis. Minha participação no INODEP⁴ era absolutamente voluntária e independente do meu trabalho como director do ICOM, mas pude, naturalmente utilizar o que aprendia com Paulo no INODEP no meu trabalho no ICOM (CHAGAS, 1996, p. 9).

O presente trabalho, sem a pretensão de esgotar a temática, lança um olhar para os bastidores do evento, tecendo relações entre as propostas de renovação que agitaram o universo dos museus no final dos anos 1960, o lugar que sediou o evento, a influência de Paulo Freire sobre Hugues de Varine e a presentificação das ideias do educador brasileiro Paulo Freire na elaboração da Declaração de Santiago em 1972. Por que Paulo Freire para presidir um debate sobre o papel social dos museus na América Latina? A resposta parece óbvia. Quais concepções freirianas estiveram presentes no documento de Santiago?

Os depoimentos de Hugues de Varine e as obras de Paulo Freire produzidas no contexto são importantes fontes para essa discussão, em face à carência de produção específica sobre a temática. Santos (2008) reconhece a indiscutível importância de Paulo Freire para a Museologia contemporânea e sua dívida com um estudo sobre o tema. Produções geradas em outros contextos, entre as quais estudos realizados por outros estudiosos do tema subsidiaram este estudo.

⁴ Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos.

2 Da necessidade de discutir o papel dos museus na América Latina à realização da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile ocorreu no período de 20 a 31 de maio de 1972 e teve como tema central o papel social dos museus na América Latina. No entanto, várias das recomendações do documento demonstraram ser bastante universais, já que se aplicavam a todo o mundo (MANHART, 2012).

O evento contou com a presença de especialistas em diferentes áreas do conhecimento e países da América Latina, bem como das diversas categorias de museu e estruturou-se em quatro tópicos balizadores para a discussão em torno da revitalização da museologia latino-americana:

1. Museu e Sociedade – pautava-se nas questões de ordem econômica dos países de terceiro mundo, assim denominados nos anos 1970, e considerava a agricultura como base da economia da América Latina;
2. Urbanismo – analisava o crescimento desordenado da população nesta parte da América e tomava como foco o crescimento da população;
3. Ciência e Tecnologia – o tópico denunciava, no continente, o distanciamento do setor, mantendo-se longe das transformações necessárias para enfrentar o novo contexto mundial, e enfatizava a mudança de atitude para se adaptar ao mundo contemporâneo;
4. Educação – o tópico abordava suas ações na perspectiva da educação para todos e de caráter permanente (fora do período formal escolar) (MUSEUM, 1973, apud VALENTE, 2009, p. 75).

É importante destacar que a UNESCO encaminhou aos participantes do evento antecipadamente, o “Guia de Preparação Individual⁵”, com os temas a serem debatidos, solicitando a preparação para a participação individual.

A situação dos museus na América Latina, considerada como merecedora de atenção em todos os aspectos, foi diagnosticada no Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus realizado pelo ICOM em 1958 no Rio de Janeiro. As propostas de realização de uma prática museológica voltada para o social são anteriores aos anos 1960, remontando à criação da UNESCO e do ICOM, portanto, não são originárias e nem exclusivas da Declaração de Santiago e do movimento denominado Nova Museologia (SCHEINER, 2012).

⁵ Encaminhado em fevereiro de 1972, o “Guia de Preparação Individual” propunha os seguintes temas: Tema geral: Museu funcional - museu galeria; Temas de debate: 1. Os museus e o desenvolvimento cultural em áreas rurais e o desenvolvimento agrícola; 2. Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico; 3. Os museus e os problemas sociais e culturais; 4. Os museus e a educação permanente. Todos os participantes deveriam, a partir de Fevereiro de 1972, preparar sua participação pessoal. Sugeriu-se o estabelecimento de contato com diversos especialistas de seus países, compilação de textos, estatísticas, notas, reflexão sobre os problemas das relações entre a sociedade e os museus, etc. Não havia necessidade de apresentação escrita, o mais importante era promover uma mudança na atitude de cada um dos participantes em relação ao seu próprio museu (GUIA..., 2012)

Como Varine (2012a), Scheiner (2012) também aponta uma série de eventos e ações anteriores à Mesa-Redonda de Santiago que agitaram o mundo dos museus no século XX. Conforme essa autora, a criação do ICOM, em 1945, exemplifica o desejo de enfatizar museus e patrimônio como instância de trato político em nível internacional.

A 7ª Conferência Geral do ICOM realizada em 1962, na Holanda, já enfatizava a preocupação da UNESCO e a relação museus e preservação do patrimônio natural e cultural da humanidade e trazia decisões e recomendações para a proteção da propriedade cultural em caso de conflitos armados e tráfico ilícito, proteção de monumentos históricos, acessibilidade aos museus, entre outros.

A 8ª Conferência Geral de Museus (Assembleia Geral do ICOM) realizada em 1968, na Alemanha, enfatizava o caráter comunitário dos museus e definia a responsabilidade do ICOM frente aos museus e comunidades regionais.

A 9ª Conferência Geral de Museus realizada em 1971, na França, já afirmava que os museus deveriam, antes de tudo, estar a serviço da humanidade e, ao recomendar aos museus a aceitação das mudanças ocorridas na sociedade, questionava o conceito tradicional de museu.

Scheiner (2012) atenta, ainda, para a I Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em junho de 1972 em Estocolmo, Suécia, convocada em 1968 para discutir questões relativas ao meio ambiente. O evento de Santiago ocorreu num contexto mundial marcado pelas discussões sobre o meio ambiente integral.

Segundo Nascimento Júnior (2012), o grupo de profissionais partícipes da Mesa-Redonda de Santiago se reuniu atendendo a uma convocação da UNESCO para discutir, à época, a importância e o desenvolvimento do museu no mundo contemporâneo como novo conceito de interação profissional entre duas as áreas de expertise envolvidas: a do museu, especificamente, e a do desenvolvimento econômico e social.

Valente (2009) chama a atenção para uma provável conexão de ações em diferentes partes do mundo nesse período. Destaca a realização da primeira Conferência dos Museus Africanos na cidade de Maramba (Livingstone), na Zâmbia no mesmo ano de 1972 com o propósito de discutir as instituições museológicas no âmbito daquele continente.

Varine-Bohan (1995) já havia apontado a importância da Conferência Geral de Museus de 1971 nas discussões sobre o papel social dos museus, assim como outros importantes momentos de debates ocorridos anteriormente à Mesa-Redonda de Santiago em 1972, cujos desdobramentos podiam ser percebidos na realização de sucessivos seminários regionais, como o do Rio de Janeiro (1958), de Jos (Nigéria, 1964) e de Nova Delhi (1966) e nos quais esse evento também se inscrevia.

É importante destacar que, em 1958, no Rio de Janeiro, vários profissionais se reuniram no Seminário Regional da UNESCO para discutir a função educativa dos Museus. Embora o documento de 1958 expresse a preocupação com a exposição museológica e os recursos que o museu utiliza para se comunicar com o público, não se pode negar a existência de questionamentos sobre o papel educativo dos museus. No entanto, “a educação no museu ainda é vista como uma extensão da escola e não como uma agente de transformação social” (PRIMO, 1999, p. 18).

Conforme já apontando por Scheiner, nesse encontro diagnosticou-se também a necessidade de atenção aos museus na América Latina. Nesse documento, Georges-Henri Rivière propunha a criação de museus para jovens e museus escolares, exposições polivalentes, clubes de amigos, incorporação de recursos multimídia, mediação educativa nas exposições e sugeria alternativas para a ação educativa de base, em comunidades carentes (SCHEINER, 2012).

A organização de uma Mesa-Redonda em Santiago do Chile em 1972 sobre o papel dos museus na América Latina contemporânea foi um dos desdobramentos da 9ª Conferência Geral realizada pelo ICOM, na França, em 1971, que proporcionou modificações substanciais ao conceito e à cooperação internacional entre museus⁶ e do questionamento provocador de Mário Vasques, do México, nesse evento sobre o papel dos museus na América Latina. Nesse mesmo ano, a UNESCO solicitou ao ICOM colaboração para a organização, no ano seguinte, de uma mesa-redonda sobre o papel dos museus na América Latina (VARINE-BOHAN, 1995).

O discurso pronunciado na Biblioteca Nacional pela Srta. Raymonde Frin, representante do diretor geral da UNESCO, por ocasião da inauguração da mesa-redonda sobre a importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo, demonstra ao mesmo tempo a inovação do evento e sua articulação com eventos anteriores.

⁶ Para Varine (1995), das modificações resultantes da Conferência Geral do ICOM na França em 1971 ao conteúdo e à forma de cooperação internacional entre os museus destaca-se: revisão dos Estatutos e definição de museu, afirmação da importância do meio ambiente na vocação dos museus, surgimento da dimensão “política” no conceito de museus.

Esta Mesa-redonda é a nona do gênero convocada pela UNESCO e a terceira na América Latina depois do Rio e México, mas essa oportunidade possui um caráter novo, já que especialistas que não atuam no campo da museologia foram convidados para expor aos especialistas em museologia aqui reunidos seus pontos de vista sobre os grandes problemas enfrentados no mundo contemporâneo; os problemas da agricultura, da cultura e da ciência, do meio ambiente, da tecnologia e da educação permanente (FRIN, 2012, p. 113).

Comparada ao Seminário de 1958, no Rio de Janeiro, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile pode ser considerada como uma nova edição da discussão em torno dos museus e de sua aproximação com o público, promovida por meio de um olhar alargado.

A Mesa-Redonda do Chile de impacto mundial reforçava a discussão que sinalizava uma renovação para além da mudança dos museus do ponto de vista das técnicas de apresentação, tão exploradas em 1958, no Rio de Janeiro, reunião calcada na educação e nos museus. A perspectiva em 1958 era a de complementação e/ou apropriação das técnicas provenientes do exterior para a apresentação dos conteúdos veiculados pelo museu. A perspectiva era mais interna, e o foco estava dirigido para o interior da própria América Latina. A Mesa-Redonda do Chile, diferentemente do encontro do Rio, não visava analisar os meios e as formas práticas concretas que se realizavam nos museus (VALENTE, 2009, p. 75).

O olhar mais alargado em torno do papel dos museus e consequente necessidade de adaptação à situação particular da América Latina colocou em discussão a necessidade de os museus latino-americanos serem os protagonistas do encontro. Para a organização do encontro, definiu-se que a língua de comunicação seria o espanhol e o país escolhido foi o Chile, conduzido pelo governo socialista de Salvador Allende. Também para esse evento, pensou-se que os especialistas convidados seriam todos latino-americanos, cuja presidência seria confiada ao educador brasileiro Paulo Freire.

Naquele momento, grande parte dos países da América Latina vivenciava a implantação de ditaduras militares. Para Borges (2008), o Chile, em 1970, passou por uma experiência única na história da América Latina, elegendo um presidente socialista e apresentando a instituição do socialismo pela via pacífica como principal objetivo. Também reservava aos trabalhadores o papel de protagonistas no processo de mudança do sistema econômico e político. Era o país que apresentava possibilidades amplas de liberdade de expressão e mobilização ainda que estimuladas pelo próprio governo.

O socialista Allende foi eleito através de uma coalizão de partidos e movimentos de esquerda, chamada Unidade Popular, na qual participavam como centro político os partidos: socialista (PS) e comunista (PCCH), que tinham grande influência entre os trabalhadores e a população mais pobre. O governo de Allende (1970 – 1973) estimulou diversas formas de organização dos trabalhadores chilenos e de participação popular. Propunha a democratização de todos os níveis da sociedade e da mobilização organizada das massas, a formação do Estado popular, que seria estruturado em todos os níveis: nacional, regional e local (BORGES, 2008, p. 139-140).

Para a realização da Mesa-Redonda no Chile, Valente (2009) destaca também o interesse dos profissionais da área e do governo do presidente Salvador Allende que queriam promover o debate, ampliando a discussão já instalada. O evento foi promovido no bojo do esforço de reorganização dos museus chilenos, por meio do Departamento de Bibliotecas, Museus e Arquivos daquele país. A autora destaca também outra versão do programa de cooperação, promovido pela UNESCO (Programa de Participação), dirigido aos museus da América Latina em 1972. Os eventos decorrentes das discussões foram “decididos na Divisão de Museus da UNESCO a partir da solicitação dos países que hospedavam os eventos (VALENTE, 2009, p. 75).

Além dos fatores citados anteriormente para a realização do evento no Chile, é preciso considerar também o contexto educacional desse país, especificamente o investimento no sistema de alfabetização realizado pelos governos dos presidentes Eduardo Frei e Salvador Allende Gossens. Desde 1965, o método de Paulo Freire, um método de educação popular⁷, era utilizado em todos os programas oficiais de alfabetização do Chile.

Exilado político, Paulo Freire viveu no Chile de novembro de 1964 a abril de 1969 e participou do governo de Frei. Freire trabalhou como assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario e do Ministério da Educação do Chile e como consultor da UNESCO no Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária do Chile (ICIRA). O método de Paulo Freire passou a ser utilizado em todos os programas oficiais de alfabetização do Chile a partir de 1965. Em dois anos, o programa chileno atraiu a atenção internacional, e o Chile recebeu da UNESCO uma distinção que o apontava como uma das cinco nações que melhor superaram o problema do analfabetismo (FREIRE, 1996).

⁷ De acordo com Priosti, Raúl Lugo define Educação Popular como o processo teórico-metodológico de educação não formal que um grupo ou comunidade cria e recria para investigar, conhecer, analisar e transformar a realidade socioeconômica, política e cultural que os caracteriza em um tempo e espaço determinados (LUGO, apud PRIOSTI, 2007, p. 6).

Para Contreras (2004), educador chileno que trabalhou com Paulo Freire na capacitação de líderes rurais no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (ICIRA), entre 1968 a 1970, é reconhecido o legado pedagógico e humanista de Paulo Freire no sistema educativo chileno. Atento à complexidade do pensamento educativo em construção no Chile, aponta cinco aspectos que considera mais relevantes dessa contribuição.

1. A concepção de homem como sujeito histórico e inacabado.
2. A concepção de educação como ação transformadora.
3. O desenvolvimento da consciência crítica como possibilidade ontológica do oprimido.
4. O conhecimento crítico como ação de troca transformadora do mundo.
5. Por último, nada do anterior é possível sem o diálogo como possibilidade pedagógica de construção intersubjetiva (CONTRERAS, 2004, p. 237–238, tradução nossa)⁸.

As concepções apontadas por Contreras (2004) coadunam com o que Santos (2008) considera mais marcante na obra de Paulo Freire – a conscientização e a mudança.

Além da sua influência no Chile, Paulo Freire assumiu grande influência sobre Hugues de Varine⁹, figura de proa na Museologia que esteve, durante doze anos, no secretariado do Conselho Internacional de Museus (ICOM), durante os quais, dez (1962 – 1974) como diretor. Nesse período, participou ativamente das tentativas de mudanças no mundo dos museus e do patrimônio (HORTA, 2012).

Sem a pretensão de analisar todos os aspectos do contexto em que ocorreu a Mesa-Redonda de Santiago, pode-se dizer que vários fatores propiciaram a realização do evento, assim como os pontos discutidos e naturalizados a partir dele.

3 Do convite ao veto à participação de Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

Paulo Freire é um nome bastante conhecido no Brasil e no mundo, considerado como um dos mais importantes educadores e teóricos do século XX. Apesar de não ter tal intenção e não ter escrito nada sobre museus e patrimônio, o pensamento de Paulo Freire foi muito importante na Museologia a partir dos anos 1970, sobretudo no que se refere ao conceito “conscientização” da transformação do homem-objeto em homem-sujeito.

⁸ 1. La concepción del hombre como sujeto histórico e inacabado; 2. La concepción de la educación como acción transformadora; 3. El desenvolvimiento de la conciencia crítica como posibilidad ontológica del oprimido; 4. El conocimiento crítico como acción de cambio transformativa del mundo; 5. Por último, nada de lo anterior es posible sin el diálogo como posibilidad pedagógica de la construcción intersubjetiva (CONTRERAS, 2004, p. 237 – 238)

⁹ A influência de Paulo Freire sobre Hugues de Varine será discutida no próximo tópico.

ç

o momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação do seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente (GADOTTI, 1996, p. 69).

Nessa ocasião, foi convidado também para lecionar nos Estados Unidos e trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas e atendeu aos dois convites. De abril de 1969 a fevereiro de 1970, morou em Cambridge, Massachusetts, dando aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard, como Professor Convidado. Em seguida, mudou-se para Genebra para ser Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (FREIRE, 1996).

Em Genebra, conheceu e conviveu com Varine, presidente do ICOM (1962 – 1974) tornando-se uma referência para este. O encontro de Varine e Paulo Freire deu-se em 1970-1971, durante a criação de uma organização não-governamental de vocação internacional e composição ecumênica (sobretudo católicos e protestantes), o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP) que foi muito ativo durante quase 20 (vinte) anos na Europa, África, Ásia e América Latina, notadamente como suporte à ação comunitária nesse campo.

Tendo recebido como indicação o nome de Paulo Freire, então consultor para a educação do Conselho Ecumênico das Igrejas em Genebra, para a presidência do INODEP, Varine encontrou-o pela primeira vez naquela cidade, quando foi realizar tal proposta. Trabalharam juntos por três anos, período em que Varine tomou contato com as obras de Paulo Freire.

A participação de Varine no INODEP era absolutamente voluntária e independente de seu trabalho como diretor do ICOM, mas ele afirmou que pôde naturalmente utilizar o que aprendia com Paulo Freire no INODEP em seu trabalho no ICOM. Desse aprendizado, nasceu em Varine o desejo de adaptar sistematicamente a formulação da doutrina e método freiriano à prática museológica e museográfica. A primeira tentativa foi realizada em 1972, não obtendo êxito em razão da recusa brasileira de autorizar a UNESCO a convocar Paulo Freire para a Mesa-Redonda em Santiago – Chile em 1972.

Uma tentativa também sem sucesso foi realizada em 1992, quando se encontrava atuando na prefeitura de São Paulo. Em razão de atribuições profissionais, Paulo Freire não pôde dedicar-se aos propósitos de Varine. Sem desistir de tal propósito, Varine insiste na importância de meditar sobre os textos e ideias de Paulo Freire, adaptando-os aos problemas das diversas áreas e busca fazer isso no seu trabalho pelo desenvolvimento comunitário na França.

Convidado por Varine a presidir a Mesa-Redonda de Santiago e a transpor suas ideias de educador em linguagem museológica, Paulo Freire aceitou o convite com muita satisfação. No entanto, a participação de Paulo Freire foi vetada pelo delegado brasileiro na UNESCO, o que não lhe permitiu mostrar como se poderia aplicar a sua teoria e seus métodos à museologia. Com o veto à participação de Paulo Freire, Varine e sua equipe reconstituíram a mesa com um grupo de quatro intervenientes-animadores, todos latino-americanos, em que cada um ficou responsável por um setor chave do desenvolvimento: educação, agricultura e meio ambiente e urbanismo.

Para Varine, a revolução nos espíritos deu-se com Jorge Enrique Hardey, especialista em urbanismo e diretor do Instituto Torquato Tella de Buenos Aires, ao levar os participantes, incluindo Mário Vasquez, a se darem conta da explosão urbana que havia ocorrido nas últimas décadas e das novas necessidades culturais e sociais das imensas e geralmente muito pobres populações. Somando-se aos esclarecimentos de Jorge Hardey, os outros três participantes forneceram outros elementos sobre o mundo urbano e o mundo rural, sobre meio ambiente e sobre juventude, levando os participantes a imaginarem em conjunto o conceito de museu integral, desenvolvido na Declaração de Santiago.

Os documentos e discussões decorrentes do evento, publicados em 1973 na Revista *Museum* e a própria declaração, não fazem referências às ideias ou ao nome de Paulo Freire. Entretanto, em diversos depoimentos, Varine expõe a influência de Paulo Freire na formulação de suas concepções. Também a atuação de Paulo Freire no Chile, no contexto da organização do evento, abre possibilidades para que se possa tecer relações entre o pensamento desse educador e as reflexões decorrentes da Mesa-Redonda de Santiago. A influência de Paulo Freire sobre Varine na formulação de concepções sobre trabalho comunitário no campo patrimonial é anterior à Mesa de Santiago. Como escreve Horta (2012, p. 13), as "ideias de Paulo Freire continuaram e continuam ainda hoje, a orientar e iluminar os textos e proposições de Hugues de Varine, de modo especial no trabalho do desenvolvimento comunitário".

A Declaração de Santiago não é um documento neutro. Ela é fruto de um contexto, como abordado por Scheiner (2012) e, nesse contexto, a presença das concepções de Freire se fazem presentes, seja em organizações chilenas ou sobre o pensamento de Varine.

4 Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972.

Para Scheiner (2012), o documento resultante da Mesa-Redonda de Santiago vem sendo mitificado ao longo dos anos como revolucionário na museologia mundial. A autora aponta três aspectos impactantes do evento e sua sintonia com os movimentos e diretrizes que vinham e/ou estavam sendo propostos nesse sentido: 1) do ponto de vista da Museologia teórica, contém uma proposta criativa, definida sob o rótulo de Museu Integral, compondo o conjunto de reflexões que fundamentavam os estudos que vinham sendo realizados no campo; 2) foi um documento-síntese, sublinhando a importância do meio ambiente para o campo da Museologia e definindo a urgência ética do engajamento social dos museus; 3) a proposta de criação de uma rede latino-americana de profissionais de museus.

Varine-Bohan (1995) declara que, fora do contexto em que a declaração foi elaborada, a noção de museu integral e de museu enquanto ação são as mais inovadoras.

O que existe de mais inovador, a meu ver, fora do contexto da época, são sobretudo duas noções, que aparecem melhor, mas às vezes mal colocadas, nas “considerações” das resoluções, e não nelas mesmas:

- Aquela de museu integral, isto é, levando-se em consideração a totalidade dos problemas da sociedade.
- Aquela do museu enquanto ação, isto é, enquanto instrumento dinâmico de mudança social.

Esquecia-se assim, aquilo que havia se constituído, durante mais de dois séculos, na mais clara vocação do museu: a missão de coleta e da conservação. Chegou-se em oposição, a um conceito de patrimônio global a ser gerenciado no interesse do homem e de todos os homens (VARINE-BOHAN, 1995, p. 18).

A euforia daquele momento, no qual se propunha e naturalizava uma missão revolucionária para os museus, apontando-se para uma dicotomia entre o papel do museu até então e o que se propunha, resultou, na prática, em ações tímidas e tardias na América Latina.

Para Valente (2009), ao analisar a abertura de um debate a partir de uma nova concepção de instituição museológica, o “museu integral” destaca o papel da UNESCO e a inovação que trouxe para esse gênero de reunião internacional que foi o confronto entre especialistas de diferentes disciplinas e que não atuavam em museus.

O editorial da revista *Museum* (1973) que trata da Mesa-Redonda revela o que estaria em questão na proposta do encontro: o museu inserido na política econômica desenvolvimentista. O “museu integral” acompanharia as premissas de atuação definidas pela UNESCO, organismo promotor do evento. Sendo assim, a análise sobre a instituição museu deve ser vista também nesse contexto e a partir dessa voz institucional (MUSEUM, 1973 apud VALENTE 2009, p. 76).

Como já abordado anteriormente por Scheiner (2012) e Valente (2009), o debate em torno da concepção “museu integral” não nasceu no encontro e sim proposto para o encontro, acompanhando suas premissas. No entanto, tornou-se a concepção norteadora da Declaração de Santiago. Esse debate evidenciou muito as diferenças e enfrentamentos entre os participantes. Segundo Valente (2009), foi no enfrentamento das diferenças que se perceberam as muitas dificuldades a ultrapassar, entre elas a necessidade de rever a concepção dominante dos museus diante das exigências de uma sociedade em desenvolvimento.

Além das diretrizes norteadoras para o evento, propostas pela UNESCO do contexto chileno, pode-se falar também da possibilidade de influência ou do compartilhamento de ideias de teóricos diversos por parte dos participantes da Mesa-Redonda de Santiago: diretor, animadores, representantes da UNESCO e do ICOM, participantes (representantes de países latino-americanos), embora não apresentados de forma explícita. O pensamento de Paulo Freire nesse evento se presentifica através de Varine¹⁰.

Varine expõe, em vários momentos, a influência das concepções de Paulo Freire na formulação das próprias concepções e necessidade de aplicação destas na museologia.

Paulo Freire é o maior pedagogo político de nossa época, porque ele colocou em prática suas ideias, antes de exprimi-las. Os outros pedagogos, mais teóricos do que práticos, procuram, sobretudo, melhorar a eficácia da educação, seu rendimento, talvez a sua democratização, num espírito generoso. Paulo Freire propõe inverter o processo educativo. Considera antes que o objecto da educação, o educando, tem também alguma coisa importante a oferecer, da qual o educador e todos nós temos necessidade. No domínio da cultura, é importante inverter igualmente a relação da oferta e da procura. Todo cidadão, toda comunidade oferece alguma coisa em troca do que o

¹⁰ É importante lembrar que no momento do evento, parte dos participantes se originava de países com regimes autoritários, como é o caso do Brasil e Bolívia.

agente cultural pode lhe oferecer. Não deveria então ser mais possível fazer uma política cultural, conceber uma estratégia, utilizar métodos como se fazia antes de Paulo Freire (VARINE, apud CHAGAS, 1996, p. 8).

Como já apontado por Valente (2009), devem-se olhar as diretrizes sob as quais se organizou o evento. O convite a Paulo Freire para presidi-lo estava em consonância com o tema proposto para este e suas diretrizes.

Aqui analisaremos especificamente a relação entre algumas reflexões de Paulo Freire e o documento de Santiago. Para tecer tal relação, é preciso avaliar o conteúdo das obras de Paulo Freire, anteriores a 1972, entre as quais se destacam “Educação como prática da liberdade” (1965), “Pedagogia do Oprimido”, concluída em 1968 e publicada em 1970 e “Extensão ou comunicação”, com primeira edição pelo Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária (ICIRA), na Espanha, em 1969.

A Pedagogia do oprimido, que é sem dúvida sua obra mais importante, foi traduzida e vem sendo publicada em mais de vinte idiomas. (...) Sua obra teórica, reflexão sobre sua prática, tem servido para fundamento teórico de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo, desde os mocambos do Recife às comunidades barakumins do Japão, passando pelas mais consagradas instituições educacionais do Brasil e do exterior (FREIRE, 1996, p. 48–49).

A principal preocupação do evento de 1972 “era a de considerar o museu na sociedade como um instrumento de transformação e o encontro teve um caráter mais filosófico de inserção do museu no mundo contemporâneo” (MUSEUM, 1973 apud VALENTE 2009). Nesse sentido, abre-se a possibilidade de tecer relações com o pensamento freiriano.

O discurso de abertura do evento pronunciado por Varine deixa explícita a influência de Paulo Freire: “a educação, por outro lado, deve significar libertação: o aluno não deve ser objeto de ensino, mas o sujeito da construção de novos valores para o homem” (VARINE, 2012b, p. 114).

As ideias do educador Paulo Freire, cujas origens remontam aos anos 1950, foram gestadas e consolidadas no Brasil num período de intensa mobilização política. “A sociedade brasileira e latino-americana da década de 1960 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o ‘Método Paulo Freire’” (GADOTTI, 1996, p.71).

As ideias de Paulo Freire só se tornaram mundialmente reconhecidas após a década de 1970. No exílio, Paulo escreveu seus mais famosos livros: “Educação como prática da liberdade” e “Pedagogia do oprimido”. Suas obras e concepções

consideradas mais importantes foram produzidas no Chile e bem recebidas nos círculos intelectuais de Santiago, Buenos Aires, México e Nova York. Na Suíça, deu a forma definitiva a seu livro “Ação cultural para a liberdade” (1970), no qual contrasta, rigorosamente, sua ideia de ação cultural com o imperialismo cultural (GERHARDT, 1996).

Para Torres (1996), o trabalho de Paulo Freire já influenciava a prática pedagógica da América Latina desde a publicação de “Educação e atualidade brasileira” no Brasil, em 1959, revisada e publicada mais tarde com modificações, como “Educação como prática da liberdade”. A partir de 1970, quando foi trabalhar em Genebra, a popularidade do método de Freire e de sua filosofia da educação problematizadora cresceu muito e alcançou educadores progressistas na América Latina sendo adotada em vários lugares, em experiências pequenas ou nacionais de educação de adultos, tais como no Uruguai, Argentina, México, Chile, Peru e Equador.

Partir do real para a compreensão do mundo era a essência do método Paulo Freire. “Paulo falava em educação social, falava na necessidade de o aluno, além de se conhecer, conhecer também os problemas sociais que o afligiam. (...). Falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de emersão na vida pública engajando-se no todo social” (FREIRE, 1996, p. 34). Na proposta da Mesa de Santiago, de os museus latino-americanos serem eles próprios os protagonistas do evento, olhar para os seus problemas interiores e a partir daí elaborar novas propostas de ação, pode-se perceber aspectos da filosofia freiriana.

A participação da realidade resulta de o homem estar com ela e estar nela. Esse processo dá-se a partir da integração. Para Freire (1980), o homem é um ser essencialmente da integração; em suas palavras, sua integração o enraíza e se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica, ou seja, a partir do momento em que ocorre a apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 1980, p. 43).

Varine-Bohan (1979) ressalta a invenção e aplicação do conceito de “conscientização”, ou seja, a transformação do homem-objeto da sociedade de consumo, objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico em homem-sujeito, por Paulo Freire. Para Varine-Bohan, o museu deve oferecer ao público a possibilidade de analisar a fundo, de tocar, de valorizar numa perspectiva de conjunto suas coleções, assumindo assim as funções de uma instituição didática e conscientizadora.

Paulo Freire pensa a realidade diferente do sociólogo, que busca apenas entendê-la. “Ele busca, nas ciências (sociais e naturais), elementos para, compreendendo mais cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela. Por isso ele pensa a educação ao mesmo tempo como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador” (GADOTTI, 1996, p. 77). A marca do pensamento de Freire, como atesta Gadotti, é a relação direta com a realidade e comprometimento com uma realidade a ser transformada.

Os princípios de base do museu integral proposto na Mesa de Santiago, ressaltando o papel decisivo dos museus na educação da comunidade, expressam bem a marca de Freire, o compromisso com a realidade.

As resoluções adotadas pela Mesa de Santiago “Por uma mutação do museu na América Latina” e “Pela criação de uma Associação Latino Americana de Museologia” orientam a busca de entendimento dos aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos para a solução dos problemas, bem como apontam a necessidade de “ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade” (MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972), como fez e propôs Freire.

As orientações do documento de Santiago tecem relações especialmente com os propósitos da obra “Pedagogia do Oprimido”, na qual Freire advogava uma pedagogia revolucionária, que tinha por objetivos a ação consciente e criativa e a reflexão das massas oprimidas sobre sua libertação. Comenta Gadotti que Paulo Freire pode ser lido pelo seu “gosto pela liberdade”. Essa seria uma leitura libertária. Como muitos dos seus intérpretes afirmam, a tese central da sua obra é a da **liberdade-libertação** (GADOTTI, 1996, p. 80, grifo do autor). A libertação como fim da educação, a transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história é o ponto central da concepção educativa de Freire desde suas primeiras obras.

Lidas à luz do contexto em que foram produzidas, as decisões referentes à educação permanente contidas na Declaração de Santiago são bastante tímidas em relação à obra de Freire. De maneira geral, o museu ainda é apresentado como auxiliar e/ou complementar à educação escolar. A referência à ação, à práxis libertadora concebida por Freire aparece apenas na proposta de formação de coleções, montagem de exposições com objetos do patrimônio cultural local.

A conscientização e o diálogo são também dois elementos fundamentais da filosofia educacional de Paulo Freire e presentes na Declaração de Santiago. A transitividade crítica se processa com “uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais” (FREIRE, 1980, p. 61). Para ele, toda compreensão de algo, corresponde cedo ou tarde a uma ação e a natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Diálogo e conscientização são ações imbricadas, de acordo com Freire. “Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo” (FREIRE, 1987, p. 47).

Entende-se que aos museus é atribuída, em vários trechos do documento, a função de servir à conscientização, por exemplo, ao valorizar o patrimônio cultural local, desenvolver a cooperação entre museus e organismos nacionais e internacionais, estimular a ação das comunidades locais e dos profissionais de museus rumo à Museologia Integral. É possível tecer relações entre as noções de conscientização e diálogo assim explicitadas por Gadotti referindo-se à visão de Paulo Freire para a área da Educação e as presentificadas no documento de Santiago.

A conscientização não é apenas tomar conhecimento da realidade. A **tomada de consciência** significa a passagem da imersão na realidade para um distanciamento desta realidade. A **conscientização** ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação, para constituir-se em ação transformadora desta realidade.

O **diálogo** consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação (GADOTTI, 1996, p. 81).

A teoria da educação como prática da liberdade proposta pelo educador brasileiro Paulo Freire, na qual inventou e aplicou no Brasil o conceito conscientização, “ou seja a transformação do homem-objeto da sociedade de consumo – objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico - em homem-sujeito” (VARINE-BOHAN, 1979, p.17), foi muito importante nos novos caminhos trilhados pela museologia a partir dos anos 1970, sobretudo na América Latina. Para esse autor, a inversão do processo educativo, no qual todo educando tem alguma coisa a oferecer, da qual o educador e todos temos necessidade, proposto por Paulo Freire pode ser aplicado no domínio da cultura. Todo cidadão, toda comunidade também tem alguma coisa a oferecer em troca do que o agente cultural pode lhe oferecer.

A partir da Mesa-Redonda de Santiago, 1972, a concepção do papel do museu na educação da comunidade e como agente de desenvolvimento ganhou importância. Essas ideias tiveram como aporte teórico as ideias de Paulo Freire.

Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua acção educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão é que as novas correntes da museologia, após esta Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematizadora na qual a relação educador-educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão os homens se educam em comunhão (PRIMO, 1999, p. 20).

Mesmo que o número de museus alternativos aos tradicionais ortodoxos tenha permanecido modesto após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), esta carta abriu o debate à “museologia da libertação”, expressão dos teólogos latino-americanos, “sugerindo o primado do homem e da comunidade como autores e atores de uma instituição que não deveria estar a serviço de suas coleções e de seus conservadores, ou mesmo de públicos culturalmente e socialmente minoritários” (VARINE, 2012a, p. 192).

5 Concluindo

Paulo Freire (1980) apontava a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação, que levasse o homem à nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. Todo seu empenho se fixou na busca do homem-sujeito, implicando em uma sociedade também sujeito. Para ele, era necessária uma educação realmente instrumental, integrada ao tempo e espaço, levando o homem a refletir sobre sua vocação ontológica de ser sujeito.

Para Paulo Freire (1980), integração, atividade da órbita puramente humana, resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da capacidade de transformar e optar, tendo como nota fundamental a criticidade. A Mesa de Santiago foi um evento integrado ao seu tempo, compreendido como a tumultuada década de 1970 na América Latina, particularmente no Chile, estando nele e com ele. Apesar de resultados demorados na América Latina, fez opções e pautou-se na criticidade. Na singularidade dessa parte da América, o evento evidenciou a pluralidade nas relações do homem com o mundo e suas respostas à ampla variedade dos seus desafios, conforme propõe Paulo Freire.

Partir do real para a compreensão do mundo era a essência do método Paulo Freire. Buscar serem eles próprios os protagonistas do evento, olhar para seus problemas interiores e a partir daí elaborar novas propostas de ação, pode-se considerar uma aplicação da proposta de inversão do processo educativo ao mundo dos museus latino-americanos. Apesar de não ter falado especificamente de educação em museus, Paulo Freire “falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de emersão na vida pública engajando-se no todo social” (FREIRE, 1996, p. 34).

A escolha de Paulo Freire para presidir um debate sobre o papel social dos museus na América Latina, bem como a do lugar que sediou o evento estão em consonância com as propostas de renovação que agitaram o universo dos museus no final dos anos 1960, não ocorreu aleatoriamente. A presentificação das ideias do educador brasileiro Paulo Freire na Declaração de Santiago em 1972 é um forte indicador dessa articulação.

Paulo Freire é um dos educadores mais estudados na atualidade. Seu pensamento influenciou muito a Museologia a partir dos anos 1970. Poucos são os estudos que tratam da relação de Paulo Freire com a Museologia, é um campo aberto a investigações. A Museologia carece de estudos mais específicos sobre essa relação.

Referências

- CHAGAS, Mário. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. *Cadernos de Museologia*, n. 5, p. 5 -11, 1996.
- CONTRERAS, Rolando Pinto. Paulo Freire: um educador humanista Cristiano em Chile. *Pensamiento Educativo*, v. 34, p. 234-258, junio 2004.
- BORGES, Elisa de Campos. O movimento popular na história política do Chile: o caso dos cordones industriales In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. (orgs). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996. p. 27–68.
- FRIN, Raymonde. [Os significados da Mesa-Redonda de Santiago]. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol. 1. Brasília: Ibram/MinC; Programa IberoMuseos, 2012.

- GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996. p. 69–116.
- GERHARDT, Heinz-Peter. Uma voz européia: arqueologia de um pensamento. In: GADOTTI, Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996. p. 149–170.
- GUIA DE PREPARAÇÃO INDIVIDUAL SHC-72/CONF.28/3 PARIS/UNESCO, 14 de fevereiro de 1972. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol. 1. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos, 2012.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Prefácio. In: VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- MANHART, Christian. Mesa Redonda de Santiago de Chile. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol. 1. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos, 2012.
- NASCIMENTO JUNIOR, José do. Memória para falar hoje. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol. 1. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos, 2012.
- PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseología*, n. 16, p. 5-38, 1999.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. Museologias Contemporâneas. In: *SEMINÁRIO DE IMPLANTAÇÃO DO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA E DO PÓLO MUSEOLÓGICO DE BELÉM-PA*, 8-10 de junho de 2007.
- SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia e educação e o museu*. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.
- SCHEINER, Teresa Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.
- TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual. In: GADOTTI, Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996. p. 117–148
- VALENTE, Maria Esther Alvarez. Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma “Reunião de Família” na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972. *Revista Museologia e Patrimônio*, v.2 n. 2, p. 61-72, jul/dez de 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.74.br/index.php/ppgpmus> Acesso: 25/01/2013
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- _____. Entrevista. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol. 1. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos, 2012b.

VARINE-BOHAN, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago. In: ARAÚJO, Marcelo; BRUNO, María Cristina Oliveira (Org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos* São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 17–25.

_____. Entrevista. In: *OS MUSEUS NO MUNDO*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979. p. 7-21.

Submetido em 11.03.2013

Aceito em 15.12.2013